

RESENHA/REVIEW

Wolf, Maryanne. **O Cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era**. Editora Contexto, 2019. ISBN 978-85-520-0145-4. 256p.

Por/By: Antonio Carlos Xavier (UFPE)

PALAVRAS-CHAVE: Livros e leitura, Inovações tecnológicas, aspectos psicológicos, Neurociências, Linguística

De acordo com dados da Pesquisa internacional 2018 *Global Digital*, publicada em janeiro de 2019, cujo objetivo é entender as mudanças no comportamento dos usuários de tecnologias digitais de informação e comunicação, já são mais de 5 bilhões de usuários de telefones celulares no mundo. A mesma enquête também revelou que 4,5 bilhões de pessoas acessam a internet (58% da população mundial) e quase 3,5 bilhões de pessoas têm perfis ativos nas redes sociais.

Sem dúvida, a Humanidade está cada vez mais debruçada sobre telas de smartphones e notebooks. Qual seria, então, as consequências para a mente humana deste crescente aumento dos usos das tecnologias digitais? Essa vem sendo a preocupação de um grande número de pesquisadores em diferentes laboratórios de neurolinguística e psicolinguística do mundo.

Entre os pesquisadores está a neurocientista da Universidade da Califórnia, Maryanne Wolf, especialista em aquisição e desenvolvimento cognitivo dos processos de leitura e escrita. Suas pesquisa têm se orientado pela tese de que o modo como lemos formata nossos circuitos cerebrais. Em seu mais novo livro, **O Cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era**, publicado pela

Editora Contexto, em 2019, com a excelente tradução do semanticista Rodolfo Ilari e da professora Mayumi Ilari, Wolf reafirma que as superfícies digitais, permeadas por links, imagens, vídeos, infográficos coloridos e móveis parecem dragar a concentração do leitor e tirar seu foco do conteúdo central de textos e hipertextos. Por conseguinte, o processamento das sinapses neurais fica relentado, travando a capacidade de “escavar” sentidos mais profundos.

Situando o presente século vivenciando um momento histórico de transição quase completa da cultura escrita para a cultura digital, a autora divide os capítulos do livro em cartas. O estilo epistolar teve como objetivo, e conseguiu, instaurar um tom dialogal para convidar o leitor a pensar com ela as iminentes mudanças que a leitura realizada em dispositivos digitais poderiam estar provocando na mente humana, entre outras modificações mais sutis.

Partindo da hipótese de que os seres humanos não nasceram para ler, a autora afirma que a aquisição do letramento é uma das criações epigenéticas mais significativas do *Homo Sapiens*. A habilidade para ler desenvolveria conexões neurais totalmente novas no aparato cerebral humano. O que lemos, como lemos e por que lemos seriam fatores que produziriam mudanças diretas na configuração do nosso pensamento. Wolf observa que, nos últimos seis milênios, a aquisição do hábito de leitura teria influenciado diretamente não só o modo, mas a qualidade do nosso pensar. E para que haja pensamento, antes é necessário que exista atenção qualificada, plena, focada.

Sem dúvida, como bem pontuou a autora, a qualidade da atenção vem se modificando à medida que se aumenta o tempo de leitura em telas e recursos digitais. Quanto mais estímulos durante o processamento da leitura, mais dificuldade para a concentração, e, inevitavelmente, mais vagaroso seria o processamento e a compreensão das informações acessadas. Não é segredo que a internet, por ser hipermediática, multimodal e sobremaneira plural, ao mesmo tempo em que facilita o acesso às informações, inflama de dados o internauta, pondo à prova sua capacidade de decodificá-los, compreendê-los e interpretá-los de maneira criteriosa e relevante.

Oportunamente, pesquisadora alerta seus leitores que: a leitura que se vem realizando nesses suportes guarda mais semelhanças com a prática do surfar ondas do que com a imersão em águas profundas. Em outras palavras, a questão central levada à discussão no livro é se a leitura em suportes digitais estaria se tornando superficial cujos leitores estariam perdendo a capacidade de concentração e aprofundamento no conteúdo lido. Para Wolf, a tendência de mudança nos circuitos cerebrais levam os leitores de dispositivos digitais a fazerem leituras globais e horizontais, sem captar os detalhes, sem inferir, deduzir ou abduzir conclusões por não conseguirem verticalizar o processamento das informações.

Esta forma de leitura mais epidérmica demandaria baixa densidade informacional e pouco investimento intelectual do leitor, fatores que dificultariam a exploração, a maturação e consolidação de ideias e pensamentos. Seria a emergência de um novo modo de dar significados às letras, às palavras e aos (hiper)textos, que disputam espaço nos displays com links, imagens, vídeos, emoticons e agora *stickers*. A dinâmica das novas tecnologias tem exigido pressa e velocidade no acesso à miríade de informações despejadas diariamente nos equipamentos de comunicação de seus usuários. Contudo, estão se esquecendo de que a pressa é inimiga da reflexão. Concatenar coerentemente dados requer análise, raciocínio e ruminação, a fim de transformar em interpretação inteligente, sensata e aceitável quaisquer dados visualizados.

De modo geral, a autora narra nas Cartas suas descobertas ao pesquisar as mudanças de que a leitura é capaz de fazer na cognição, bem como os efeitos fisiológicos, linguísticos, sociais e emocionais para os leitores forjados em suportes e gêneros textuais analógicos. Como educadora e neurocientista, ela analisa se a combinação da leitura em formatos digitais com a imersão diária numa variedade de experiências digitais, que vão das mídias sociais aos jogos virtuais, teria o poder de obstruir e/ou neutralizar a formação dos processos cognitivos mais longos, como a concentração, a reflexão, a criticidade, a imaginação e a empatia, elementos constitutivos da leitura profunda.

A autora demonstra forte interesse em saber se as inúmeras distrações que atacam incansavelmente a atenção dos leitores, e principalmente das crianças, e o

farto acesso a diersas fontes de informação retiram o gosto dos jovens leitores, tanto para elaborarem sua própria bagagem de conhecimentos, quanto para desenvolverem a criticidade por si mesmos.

Wolf inicia o texto contando como se apaixonou pela leitura e resolveu dedicar sua vida a entender esse processo cognitivo e suas implicações. Remete-se aos primeiros contatos que teve com a literatura na infância e depois, já adolescente, menciona sua experiência como alfabetizadora zona rural do Havaí, e como o mestrado em literatura reafirmou seu gosto por conhecer o processamento da leitura. Sua dedicação a esse processo mental fez com que ela descobrisse uma das mais relevantes características dos circuitos cerebrais, que é a plasticidade. Esta é condição de possibilidade à modificação do pensamento, e ao mesmo tempo a propulsora do seu complexo funcionamento.

Para elucidar esse mecanismo, ela conduz o leitor ao interior dos processos essenciais da leitura profunda, que são: o acionamento das inferências, o desenvolvimento da empatia, ou seja, da capacidade de se transportar para a realidade dos cenários propostos nos textos e experimentar, ainda que simuladamente, as emoções vividas por personagens de narrativas, e, por fim, conseguir criar *insights*, isto é, ter “sacadas”, que só se tornam possíveis quando o leitor mergulha em reflexões compenetradamente.

A autora acredita que o pensamento crítico é essencial para o exercício da democracia, por isso sua preocupação com chegada de hábitos de leitura que possam vir a atrofiar essa habilidade de identificar equívocos e seus efeitos contra a vida humana. Nesta perspectiva, Maryanne Wolf se denomina de “paladina da leitura”, por lutar para garantir às crianças os melhores hábitos de ler e assim diminuir as ameaças à democracia. Na visão de Wolf, é preciso preservar às conquistas que a habilidade de ler com profundidade entregou à sociedade, que vêm antes da própria democracia. Vantagens como: sólida formação intelectual, socioemocional e ética são desenvolvidas em leitores que processam com perspicácia, argúcia e acuidade as informações que lhe chegam.

Inspirada em Kant e admitindo não possuir receitas ou soluções definitivas, a neurocientista pondera respostas a três perguntas que emergem dessa discussão: *o que sabemos? O que teríamos que fazer e o que podemos esperar?* Avisa, no entanto, que não defende nenhuma solução binária para essas questões. Acredita na possibilidade de que podemos desenvolver um cérebro duplamente letrado. É por essa razão, que ela propõe a implementação de um programa de letramento global, que prevê o uso de tablets como forma de corrigir a falta de letramento, particularmente, voltado para atender crianças que estudam em escolas precárias e até mesmo aquelas que estejam fora da escola. Diz-se não ser contra a revolução digital, contudo, afirma ser fundamental acompanhar os impactos crescentes nas diferentes mídias a fim de preparar todas as crianças para lerem bem e com profundidade, em qualquer mídia, e em qualquer lugar em que elas vivam.

Wolf começa a finalizar sua brilhante jornada reflexiva sobre as transformações no hábito de ler e suas implicações, conclamando o leitor a pensar sobre quais seriam os “bons leitores” neste momento de mudanças e qual seria seu crucial papel numa sociedade democrática. Ela ressalta que o conceito de “bom leitor” mencionado tema mais a ver com o leitor que ultrapassa a sabedoria do autor e descobre a sua própria, e menos relação com aquele que decodifica as palavras com eficiência. Lembra que “não há atalhos” para se tornar um bom leitor. O que há são vidas que o encorajam e o impulsionam, tal como as três vidas de uma boa sociedade sugeridas por Aristóteles: a vida do conhecimento e da produtividade, a vida do entretenimento e do lazer e a vida da contemplação. Só um “bom leitor” seria capaz de experimentar essas três vidas quando de suas viagens de leituras.

Sob as perspectivas da neurociência, da literatura e do desenvolvimento humano, a autora argumenta que viver essas vidas tríplexes é a melhor maneira de ler, pois se torna a grande oportunidade que os leitores atuais possuem de legar às novas gerações o alicerce para a vida mental autônoma, fator essencial em um porvir para o qual ninguém seria capaz de imaginá-lo completamente.

Ela encerra sua reflexão lançando uma provocação contundente a seus leitores: *Perdemos, sem perceber, nossa “morada da leitura”?* Só quem poderá responder a essa provocação será quem meditar contemplativa e prazerosamente

sobre a abundância de conhecimentos compartilhados pela autora nesta fascinante e magnífica obra.